

As tribos urbanas digitais, a música neofolk europeia e o boi bumbá de Parintins: manifestações do global-local sob a ótica dos ecossistemas comunicacionais

**MARTINS, Rosimeire de Carvalho¹
BOTELHO, Fábio Reis²**

Resumo

O presente artigo mostra um estudo baseado nas construções conceituais dos ecossistemas comunicacionais, tendo como objeto as tribos urbanas digitais, que possuem em comum a adoção de estilos musicais do neofolk, especialmente o neofolk europeu, o folk metal e o boi-bumbá de Parintins, além de outras manifestações similares, formadas a partir das mídias sociais da rede mundial de computadores, explorando não só essas mídias, mas outros elementos de comunicação que fazem parte dos ecossistemas comunicativos observados nesses grupamentos. De acordo com a pesquisa aqui demonstrada, embora não haja a limitação geográfica típica das tribos urbanas, as características que as definem se mantêm e os processos comunicacionais são similares.

Palavras-chave: ecossistemas comunicacionais, tribos urbanas, redes sociais, neofolk, boi bumbá

Abstract

This article presents a research based on the conceptual constructions of communicational ecosystems and has as object the urban digital tribes that have in common the adoption of musical styles of the neofolk, especially the european neofolk, folk metal, boi-bumbá of Parintins, and other cultural artistic groups, built from the social media of the world wide web, exploring not only these networks, but other communication elements that are part of the communicative ecosystems observed in these groups. According to this research, although there are not in these groups the typical geographic limitation of the urban tribes, the characteristics that define them still remain and the communication processes are similar.

Keywords: communicational ecosystems, communication, communicative processes, urban tribes, social networks, digital media, internet, neofolk, boi-bumbá

Introdução

A indústria fonográfica tem sido um dos grandes veículos do fenômeno da globalização, onde, além da divisão do trabalho em nível global, vê-se o sobrepujamento de costumes advindos de nações economicamente hegemônicas, nos quais novas gerações acabam por esquecer as tradições inerentes às sociedades onde estão imersas.

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, UFAM.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom), da Universidade do Amazonas, graduado em administração pela Universidade do Amazonas
Email: freisb@gmail.com

Contudo, há que se observar dois fenômenos notáveis que ocorrem desde os anos 1970.

Grupos voltados para a música regional dos países, que outrora ocupavam apenas festas tradicionais destes povos, ou no máximo, festivais locais, passaram a apresentar estes estilos com arranjos mais modernos, ou mesclando-os com ritmos tipicamente utilizados pela grande indústria fonográfica, como o rock e o pop.

Fenômeno parecido ocorria no Brasil, com misturas como baião, samba e frevo, por exemplo, com o jazz e o rock, ou ainda com a peculiar adoção de arranjos mais elaborados na música do boi-bumbá de Parintins.

Um fenômeno ligado à cultura urbana é o desenvolvimento de grupos em torno de gostos comuns, notadamente estilos musicais. A esses grupos, devido a suas características que, além da música, envolvem linguagem, roupas e regras de comportamento, Maffesoli (2003) deu a denominação de tribos urbanas.

De acordo com Habermas (1998), o liame que amarra o tecido social é a comunicação, de forma que esses grupos tivessem como uma de suas características a circunscrição geográfica. A comunicação, para Habermas, é o entendimento de indivíduos dentro de um mundo comum, acerca de elementos daquele mundo comum.

Dessa forma, há necessidade de um espaço comum, dos quais os indivíduos retiram os elementos de interpretação. Essa é já, uma demonstração de que a comunicação entre indivíduos é possível por eles estarem imersos em um mesmo meio cultural-simbólico. É uma visão de sistema.

Disso se pode depreender que estilos musicais como o rock'n'roll, o heavy metal, o punk rock, ou a black music estivessem presentes na formação de tribos urbanas, grupos que, embora com costumes similares, residissem em locais diferentes, constituíam diferentes tribos, visto que não. Quanto aos grupos neofolk, e manifestações como o boi-bumbá, tinham a divulgação restrita aos seus países de origem, às vezes, como no caso do último, ao estado de origem.

A indústria fonográfica

Nas plantações de algodão ao longo do Rio Mississippi, surgiram os spirituals, músicas cristãs que retratavam o céu que os escravos alcançariam após a morte, já que a vida de escravidão não lhes dava esperanças além destas. Essas manifestações musicais com forte acento de origem africana, iriam, ao encontrar a vida urbana, originar o blues e o jazz, que

posteriormente, fariam surgir o rockn' roll. Há que se lembrar que o rock é uma manifestação do pós-guerra e de todo o contexto sócio-cultural desta época onde a industrialização e o crescimento das urbes dava a tônica.

No sudoeste norteamericano, os imigrantes ingleses, irlandeses e escoceses animavam as festas com seu whisky e suas canções de origem celta, ao som do banjo e do fiddle (uma espécie de rabeça). A junção desse ritmo com a música dos povos dos apalaches, deu origem à música country, que era a manifestação musical típica do homem do campo (FERRER, 2013).

A grande popularidade dessas canções, em conjunto com o barateamento do processo industrial, a grande popularização do rádio bem como o crescimento da indústria do cinema, fez com que, no pós-guerra, o jazz, o country e o nascente rockn'roll fossem os carros-chefes do que seria um boom da indústria fonográfica. Nos anos 60, inúmeras bandas de rock surgiram no mundo, indo desde a Europa, onde os grupos mais conhecidos são os ingleses, como Led Zeppelin, até países como a indonésia, com o movimento que ficaria conhecido como Indo-rock.

Outros elementos, como a nova black music (especialmente o R&B e o funk) e o hard rock, surgiram, no final dos anos 60, culminando no que seria denominado, nos anos 80, como música pop, o RAP e, em paralelo, o Heavy Metal.

Brasil

No Brasil, um processo parecido de divulgação dos ritmos populares daria impulso à indústria da música. O samba, música típica dos morros, com forte acento percussivo, fortemente associada às comunidades mais pobres, começou a ser visto com outros olhos, conforme Zan(2001):

Nesse contexto, o samba foi deixando seus redutos étnicos de origem, passando a circular pelos espaços frequentados pela classe média carioca. Compositores como Noel Rosa, Custódio Mesquita, Almirante, Ary Barroso e outros dessa geração, atuaram como verdadeiros mediadores culturais promovendo essa circulação.

Ainda neste período inicial, o rádio e uma nascente indústria fonográfica nacional permitiu o crescimento do que Martin-Barbero (1987) chamaria de modelo populista de formação da cultura massiva. Mostra Zan (2001) que

nesse mesmo período, o rádio se expandiu pelo país, transformando-se no principal meio de divulgação de música popular. Em poucos anos, as emissoras ampliaram suas instalações, construindo palcos e amplos auditórios para realizar programas musicais e receber o público cada vez mais numeroso. Tudo isso contribuiu para a ampliação do mercado fonográfico, tornando-o atraente para empresas estrangeiras.

Luiz Gonzaga divulgou o baião, ritmo que trouxe as escalas e a cadência mourisca, típica da música tradicional portuguesa, junto com o lundu africano registrando suas obras em vinil. O mesmo boom dos anos 80 aconteceu no Brasil, com maior ênfase para o pop rock, o samba e os ritmos de outros países latino-americanos, que cantados aqui virariam o bolero, o samba-reggae, além do sertanejo (outrora música típica dos sertões do sudeste e centro-oeste, cantada com acompanhamento de violas, sofreria a partir daí forte influência do country norteamericano).

O Barateamento dos custos da indústria fonográfica iria ainda provocar o surgimento de um novo fenômeno: os selos independentes, cuja origem explica Zan (2001)

O período que corresponde aos anos 80 e 90 foi marcado pelo advento de novas tecnologias na área fonográfica que levaram ao barateamento do processo de produção. Os custos para a montagem de pequenos estúdios, em condições de realizar gravações de qualidade, tornaram-se mais acessíveis. Conseqüentemente, multiplicaram-se pequenas gravadoras (Indies), selos e artistas independentes. A indústria fonográfica sofreu uma reestruturação. As grandes gravadoras (majors) passaram a terceirizar serviços, convertendo-se, geralmente, em escritórios executivos. Simultaneamente, reforçaram o controle sobre a divulgação e a distribuição de fonogramas para garantirem o monopólio do mercado. Nesse contexto, as experiências com lançamentos de novos gêneros e novos artistas passam a ser feitas, em geral, por pequenas gravadoras e selos independentes.

A música Folk

Com uma divulgação bem menor, as músicas de cunho tradicional, denominadas música folk, permaneciam sendo produzidas no mundo todo. Na Europa, vemos, por exemplo, a música de origem celta, tocada na suíça, França, Bélgica, Escócia, País de Gales e Inglaterra. Na Espanha, a música tradicional flamenca e a basca. Na Alemanha, as músicas de tradição teutônica medieval. Nesses países, além da valorização da música tradicional, muitos dos artistas perpetuam o uso das roupas e das línguas tradicionais. Vê-se grupos cantando em gaélico, na Irlanda e Escócia, em galês no País de Gales, entre outros exemplos.

O Neofolk

No início dos anos 70, grupos americanos e europeus começaram a mesclar elementos da música pós-moderna (em especial o pop e o rock) com a música folk. Cantores como Bob Dylan, grupos como Clannad, da Irlanda, e do Acid folk britânico, dentre eles Syd Barret (fundador do Pink Floyd), e bandas que investiam em um rock mais pesado, como Horslips, misturaram elementos da música tradicional de seus países com ritmos mais popularizados pela indústria fonográfica. O Folk saía das vilas, e das pequenas gravadoras especializadas, para uma distribuição em maior escala isso ia ao encontro dos ideais hippies de integração com a natureza e de uma ainda incipiente consciência ecológica, iniciada principalmente pela crescente alta nos preços dos combustíveis fósseis.

Nos anos 80, houve um arrefecimento deste movimento, pois a indústria da música investiu no pop rock tomou fôlego, e por outro lado, nos EUA e no Brasil, a country music (no Brasil, chamada música caipira, ou sertaneja) começava a ganhar corpo como grande vendedora de álbuns.

Já no final dos anos 1990 e início dos 2000, grupos começaram a voltar sua atenção para as tradições ancestrais de seus povos). Na Europa, começou-se a valorizar as tradições celtas (povos que colonizaram a Europa antes e durante as invasões romanas), escandinavas e balcânicas. Grupos musicais como os alemães Faun e Saltiano, os holandeses do Omnia, bem como as cantoras irlandesas Enya, Moya Brennan e Orla Fallon, a escocesa Julie Fowlis, os espanhóis Éfren Lopez e Morena, entre muitos outros, trazem uma idéia de valorização da música folclórica. Em paralelo, bandas como os ingleses do Skyclad, Eluveitie, na Suíça, Korplikaani, na Finlândia, entre outros similares, misturam a música de origem celta ou escandinava, tocada com instrumentos de origem medieval, com várias vertentes do heavy metal. A complexidade das músicas do rock pesado pós-oitentista, onde instrumentistas virtuosos são valorizados, iria casar bem com uma música de caráter camerístico (embora advinda de composições populares) e conquistar um público crescente.

No Brasil, essa mistura se deu em situações bem peculiares. Pode-se citar o Jazz brasileiro, onde expoentes como Hermeto Pascoal misturaram o jazz, uma música de aceitação internacional com o baião e o frevo, ou a música dos Novos Baianos, que fornecia arranjos mais elaborados aos ritmos populares, ou ainda a bossa-nova, que misturava o samba com a dissonância e o intimismo do jazz. No Amazonas, o grupo Raízes Caboclas é um dos exemplos de maior vulto, que, ao tocar os ritmos do beiradão com um arranjo mais elaborado, produziu, assim como os acima citados, um movimento de inclusão desses ritmos populares nas rodas que outrora os discriminavam.

Em Parintins, vê-se, no resgate das tradições dos povos da Amazônia, através dos modernos recursos do espetáculo, um fenômeno interessante: o boi-bumbá, cuja origem Nogueira (2013) explica, ao expor o que fala Monteiro (2004)

Os estudos de Mário Ypiranga Monteiro afirmam que a maior probabilidade de introdução do bumbá na região se correlaciona com a dança portuguesa das tourinhas, de origem eurásica (Européia e Asiática) e nos foi transmitido pelos colonos portugueses a partir de 1787, e não pelos nordestinos, que chegaram ao Amazonas entre 1877-1888-1940. Durante minhas (...) pesquisas encontrei um apógrafo bastante suasivo, da existência da tourinha em Barcelos (Mariuá), antiga capital da Capitania e Comarca de São José do Rio Negro. (...) Trata-se de um dado aparentemente superficial, que não remete diretamente ao bumbá amazonense, mas consigna o marco histórico da elaboração popular em termos de geração portugalense (p.103). O autor afirma ainda que, o português encontrou o índio com uma forte inclinação para as festas, as bebidas, a nudez, fatores que fizeram uma grande mistura cultural, que mesclava a religião, aceitando o paganismo e o paganismo curvava-se diante das leis da coroa. Afirma ainda que: “o nosso bumbá veio dessa fusão, autorizado e amparado pela religião e pela lei”.

Embora originalmente um folguedo popular, o Boi-bumbá assumiu ares de espetáculo, contribuindo, através da sua expressão musical, para a divulgação das tradições do homem amazônico, como define Nogueira (2013):

Do conjunto das expressões artísticas dos bois-bumbás, a música, no gênero toada de boi, é a que mais sobressai como agente da inovação em razão dos seguintes motivos: é dela que emanam a coreografia, a performance nos itens individuais, a elaboração das alegorias e a energia que anima os brincantes e as galeras. Como produto, as toadas também circulam mais rápido no mercado e muitas delas se transformam em peças antológicas e logo duram mais. Suas mensagens são menos um estilo e mais um discurso musical, uma hibridização de música folclórica com música comercial tematizada na realidade e no imaginário amazônico.

As tribos urbanas

Criam-se, em torno de toda atividade humana, grupos cuja afinidade é a relação com essa atividade. Assim foram com os grupos para a coleta, a caça, as corporações de ofício, os mosteiros, entre muitos outros. São redes formadas no seio da sociedade, formando, dentro de uma cultura, diversas outras, que cada vez mais abandona o senso prático de outrora e destina-se, cada vez mais, a suprir um senso de pertinência, como demonstra CAPRA (2006):

Nas diversas culturas, as pessoas têm identidades diferentes porque esposam conjuntos diferentes de valores e crenças. Ao mesmo tempo, um só

indivíduo pode pertencer a diversas culturas. O comportamento das pessoas é moldado e delimitado pela identidade cultural delas, a qual, por sua vez, reforça nelas a sensação de fazer parte de um grupo maior. A cultura se insere e permanece profundamente enraizada no modo de vida das pessoas e essa inserção tende a ser tão profunda que até escapa à nossa consciência durante a maior parte do tempo. A identidade cultural também reforça o fechamento da rede, na medida em que cria um limite feito de significados e exigências que não permite que quaisquer pessoas e informações entrem na rede. Assim, a rede social intercambia suas comunicações dentro de um determinado limite cultural, o qual é continuamente recriado e renegociado por seus membros

Com a revolução industrial, a formação das grandes urbes e uma nova organização social, houve uma complexificação da sociedade, com o engendramento de um número cada vez maior de grupamentos. O pós-guerra trouxe o barateamento dos produtos industrializados, possibilitando uma indústria fonográfica com mídias (os discos em vinil) mais acessíveis, que, junto com o rádio, produziu, em conjunto com a complexificação, onde o homem cada vez desempenhava mais papéis, a formação de variados grupos em torno desses gostos musicais.

Maffesoli (2003) define como tribos urbanas esses agrupamentos constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo.

Nesta formação de redes há um importante componente: o desempenho de papéis pelo indivíduo. Exemplificando, um pai que cuida de sua filha e pertence a um grupo de pais que compartilha informações sobre esses cuidados, pode frequentar um grupo de gestores que se reúnem para discutir assuntos relativos à administração e, à noite, vestir sua jaqueta preta e ir à reunião do grupo de motoqueiros a que pertence. Cada ser humano pode, então, participar de diversas redes, cujo processo de formação se dá da forma preconizada por Souza (2012)

Redes sociais partem do conceito básico de horizontalidade, como uma malha, fios ligados horizontalmente, sem ganchos de sustentação. As redes são importantes porque nela todos que participam o fazem por motivação própria, não por obrigação ou hierarquia. As redes sociais são organizadas em nós por algum liame: amizade, parentesco, interesses econômicos, interesses afetivos, interesses políticos etc. O que caracteriza uma rede social são os nós e não o suporte.

Essa formação de redes hoje transcende a variável geográfica por conta das mídias sociais que usam como suporte a rede mundial de computadores. Dessa forma, via Facebook, twitter e outras mídias, os grupos criados procuram, assim como nas tribos urbanas

tradicionais, homogeneizar-se em suas vestimentas, modos de falar, posse de informações, entre outras características. As redes formadas fazem com que se adote comportamentos de pertinência ao “clã”. Seria, portanto, o surgimento do que podemos chamar de “tribos urbanas digitais”

Capra (2006) entende que o homem tem necessidade de estabelecer significados para o que o cerca, e agir de acordo com esse significado. Essa interação do homem com o meio se dá a partir da necessidade de agir de acordo com uma determinada intenção ou objetivo. Em virtude da nossa capacidade de projetar imagens mentais para o futuro, nós, quando agimos, temos a convicção - válida ou não - de que nossas ações são voluntárias, intencionais e voltadas para um determinado objetivo.

Ao realizar isso a partir dos papéis que assume no mundo, o homem se conecta a várias redes, que se entrelaçam a partir dos processos comunicativos realizados entre seus componentes, e destes com toda a realidade que os envolve.

Habermas (1993), ao oferecer um contraponto à dialética marxista, onde a linha que amarra as interações humanas é o trabalho, dá à comunicação esse papel de construtor das interações humanas, de fio condutor da formação da sociedade:

O agir comunicativo é entendido como um elemento de um processo circular no qual o agente não aparece mais como iniciador, mas como produto de tradições nas quais ele está inserido, de grupos solidários ao qual ele pertence e de processos de socialização e de aprendizagem, aos quais ele está submetido. Após esse primeiro passo, objetivador, a rede de ações comunicativas forma o meio através do qual o mundo da vida se reproduz.

Habermas (1993) mostra, ainda, que é nesse mundo que o sujeito está imerso que ocorre a comunicação, é dele que se retira todos os subsídios para a construção do ato de comunicar. O meio possibilita e interpenetra a comunicação:

Enquanto falante e ouvinte se entendem frontalmente acerca de algo num mundo, eles movem-se dentro de horizontes do seu mundo de vida comum (...) A situação do discurso é holístico (...) o excerto de um mundo de vida que tanto constitui o contexto como fornece os recursos para o processo de compreensão. O mundo de vida forma um horizonte e ao mesmo tempo oferece uma quantidade de evidências culturais das quais os participantes no ato de comunicar, nos seus esforços de interpretações retiram padrões de interpretações consentidas.

Desta forma, o homem, ao se comunicar, está replicando o seu meio, e essa comunicação atravessa o meio no qual está inserido o sujeito, de forma que sempre o

ambiente forma um sistema no qual todo ato comunicacional é embebido com elementos desse meio, e do qual não pode se destituir. É um ecossistema onde todos os componentes interagem e se interinfluenciam. Braga (2015), traz o conceito de McLuhan que “o entendimento daquilo que lemos, que dizemos, que vestimos, que vemos na televisão, que o entendimento da figura, depende da relação que cada uma destas mensagens estabelece com aquilo que a envolve”.

Com as infovias, forma-se redes que transcendem distâncias, e, embora os indivíduos sejam oriundos de diferentes áreas geográficas, acabam por formar tribos urbanas virtuais, e adotam, como nas tribos urbanas circunscritas a um território, elementos de identidade e constituem ecossistemas comunicacionais, visto que, para pertencerem ao “clã”, adotam padrões comportamentais que, embora muitas vezes físicos, fazem com seja estabelecido um ambiente virtual comum, onde ocorrem processos comunicacionais, como considera TOURINHO (2010)

As interações sociais nas comunidades virtuais diferem das presenciais quanto ao tempo e à territorialidade porque são indefinidas no ciberespaço e ocorrem assim que o indivíduo acessa alguma lista de discussão, salas de bate-papo. Por outro lado, na comunidade presencial, para que haja relações de sociabilidade, o tempo e o espaço são levados em conta. Dessa maneira, pode-se afirmar que o conceito de espaço não está restrito apenas ao presencial, mas também inclui o virtual. Em outras palavras, o estar junto não ocorre apenas no presencial, mas também no virtual.

Diversos elementos formadores desse ecossistema, que adquirem significado e dão significado dentro da rede que se forma, constituindo um ecossistema, podem ser enumerados, como a roupa, as gírias, as palavras adotadas, o gestual, a música, dentre outros.

Observa-se que esses elementos surgem nas tribos urbanas tradicionais, como descritas por Maffesoli, mas com a eliminação da circunscrição geográfica dessas tribos, através das mídias sociais definidas pela web, esses elementos se difundem e assumem padrões que transcendem a territorialidade.

A roupa, por exemplo, é elemento distintivo. Pela roupa, muitas vezes identifica-se que signos o interlocutor está apto a interpretar, sendo parte obviamente integrante deste ecossistema. Como mostra Monteiro (1997, “A roupa, para o homem moderno, no fundo, representa esse mesmo manto da salvação. É uma forma de o homem demonstrar que pertence a determinada classe social ou grupo”).

Nesse caso, a roupa, muitas vezes, busca um retorno às tradições, como os grupos voltados para o folk medieval, que se reúnem presencialmente em festivais que promovem

desde simulações de duelos medievais a competições de arco e flecha e apresentações dos grupos folk. Esses grupos vão a esses festivais vestidos a caráter, ver apresentações de bandas que também vão vestidas assim, mas no dia-a-dia, sempre fazem questão de usar acessórios que remetam a essas tradições. Assim também as bandas de folk metal fazem questão de utilizar elementos na sua indumentária que remetam aos povos ancestrais de quem cantam as tradições, como o grupo suíço Eluveitie e o brasileiro Arandu Aruakaa, que usam camisetas e pinturas (ou tatuagens) com motivos celtas e indígenas, respectivamente, ou Djuena Tikuna, cantora indígena que utiliza roupas e pinturas com padronagens advindas de sua etnia, costumes seguidos por seus fãs, ou ainda os brincantes do boi-bumbá, que usam os cocares, colares e outros acessórios indígenas. Dessa identificação e ligação com um período histórico, fala Monteiro (1997), quando diz que “a roupa representa, inclusive, pelo estilo, uma época, uma fase da história, ao mesmo tempo que representa o homem em busca de si mesmo através da identificação, assumida pela roupa”.

Outro elemento desse ecossistema é a linguagem. O interesse dos grupos pertencentes pelas línguas dos povos tradicionais é evidente. As línguas de origem celta e eslava, assim como aqui, as línguas indígenas brasileiras, passam a fazer parte das letras das músicas dos cantores e grupos folk e despertam interesse dos membros desses grupos, que não só aprendem as letras e seus significados, como compõem suas roupas com inscrições nessas línguas. Os termos de origem indígena, comumente usados pelos ribeirinhos, foram tornados conhecidos pelo boi-bumbá através de suas toadas. Esse esforço por criar algum conhecimento dessas línguas se dá pelo fato de que os grupos musicais muitas vezes não só usam termos advindos dessas músicas, como cantam nas própria línguas desses povos. Esses elementos remetem a uma identificação entre os componentes dessas redes e se tornam parte integrante do ecossistema comunicativo, visto que influenciam não só por ser um código diferente da língua nativa de seus componentes, mas por determinar (de que forma e com que intensidade só uma pesquisa demonstraria) um nível maior ou menor de inserção dos componentes, nessa rede, bem como, ao inserir novos elementos no falar comum, provoca mudanças na rede, e portanto, nos indivíduos que a compõem, visto que para CAPRA (2006), a unicidade do ser humano “reside na nossa capacidade para tecer continuamente a rede linguística na qual estamos embutidos. Ser humano é existir na linguagem. Na linguagem, coordenamos nosso comportamento, e juntos, na linguagem, criamos o nosso mundo”.

Exemplos desse fenômeno são as letras em gaulês da Banda Eluveitie. Embora o gaulês seja uma língua morta, os admiradores da banda muitas vezes aprendem as letras da

música e um pouco da língua, e se pode ver plateias em vários países cantando na língua dos povos celtas que viveram em áreas onde hoje são França, Suíça e Bélgica.

No Amazonas, observa-se o uso de termos indígenas nas letras do boi-bumbá, que utilizam termos das línguas de várias etnias indígenas.

Esses e outros elementos formam uma série de nós em redes sociais que, embora façam uso das ferramentas eletrônicas, guardam várias características das redes sociais tradicionais e constituem, portanto, ecossistemas comunicacionais. Vê-se, por exemplo, a interação e interdependência dos elementos desses ecossistemas quando se observa os comportamentos ante à mídia eletrônica Facebook, por exemplo, como define Damasceno (2015)

Da mesma forma que um indivíduo compartilha sua realidade nesta plataforma, ele pode interferir/modificar a realidade de outros participantes e vice-versa. Realidades são alteradas, construídas e reconstruídas a fim de se adaptarem a este ambiente virtual e continuar coexistindo no mesmo. A velocidade da troca de informações também torna o próprio Facebook, como o ecossistema principal aqui analisado, um instrumento em constante modificação para acompanhar as expectativas dos usuários.

Essa interação e interdependência entre as partes é característica dos ecossistemas, onde cada parte interfere em todas as outras e sofre interferência delas. O pressuposto da existência do ecossistema é, então, o contato entre as partes, onde, para que, através de um processo autopoiético, interajam e se adaptem umas às outras, estão em constante comunicação, de forma que, de acordo com Colferai (2014)

Um ecossistema é comumente definido como um conjunto de elementos, quase sempre biológicos, postos no mesmo ambiente que, para se constituírem como sistema, precisam estar em contato, o que pressupõe algum nível de comunicação. Então falar em Ecossistema Comunicacional é dizer o mesmo duas vezes.

A comunicação, dentro das redes não é mero componente, mas o elemento que a tece, que estabelece os nós, que constrói e reconstrói as redes, que reproduz processos e interações, dentro de padrões estabelecidos através dos próprios processos comunicacionais. Esses processos interacionais podem ser reproduzidos quando se coloca à parte o elemento de limitação geográfica porque mesmo quando há a proximidade física, não é este o limite imposto para o estabelecimento e manutenção do sistema de crenças, explicações e valores e

das condições impostas para a aceitação de um membro no grupo, segundo Capra (2002), ao citar Luhmann

A preocupação central de Luhmann é a de identificar a comunicação como o elemento central das redes sociais: "Os sistemas sociais usam a comunicação como seu modo particular de reprodução autopoietica. Seus elementos são comunicações produzidas e reproduzidas de modo recorrente (recursively) por uma rede de comunicações, e que não podem existir fora de tal rede." Essas redes de comunicação geram a si mesmas. Cada comunicação cria pensamentos e um significado que dão origem a outras comunicações, e assim a rede inteira se regenera - é autopoietica. Como as comunicações se dão de modo recorrente em múltiplos anéis de realimentação (feedback loops), produzem um sistema comum de crenças, explicações e valores um contexto comum de significado - que é continuamente sustentado por novas comunicações. Através desse contexto comum de significado, cada indivíduo adquire a sua identidade como membro da rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo. Não se trata de um limite físico, mas de um limite feito de pressupostos, de intimidade e de lealdade um limite continuamente conservado e renegociado pela rede de comunicações.

Exemplo do que acontece por meio dessas mídias eletrônicas são as páginas, nas mídias sociais, dos grupos musicais de folk metal, de neofolk, ou do boi bumbá parintinense.

Vê-se, por exemplo, na página do Eluveitie, banda de folk meta suíça, um comentador brasileiro falando, em inglês, de um novo membro da banda, e obtendo resposta ou "curtidas" de pessoas da suíça, polônia, EUA, entre outros países.

A formação desses grupos, dentro deste modus operandi, e a constituição de ecossistemas comunicacionais, também foi observada por Pereira (2010)

Destaco esse show do Radiohead, em São Paulo, que possibilitou o inusitado encontro com nosso aluno de Manaus, e o show do Iron Maiden, em Manaus, uma vez que conseguiram reunir fãs de várias gerações e de várias cidades em razão das comunidades transfronteiras que essas bandas são capazes de criar na Internet. São comunidades, ou, em nossa definição, ecossistemas comunicacionais, cujos organismos sobrevivem independentemente do espaço geográfico que ocupam no planeta, realizando a decantada promessa da aldeia global preconizada por McLuhan na era dos meios eletrônicos. Um diferencial que só mesmo a cultura, e não mais a natureza, é capaz de gerar, afinal, o que garante a sobrevivência de tais comunidades formadas por organismos distribuídos em diferentes habitats do planeta não é o ambiente natural, mas a comunicação, a linguagem ou ainda as linguagens nas quais estão imersos sistemas culturais, sistemas tecnológicos e sistemas biológicos humanos.

Todas essas manifestações culturais trazem em comum a natureza como protagonista e o homem como parte dessa natureza.

Nogueira (2013), por exemplo, explica como as letras das toadas de boi abordam a amazônia sob a ótica da preservação e da sobrevivência do homem amazônico.

...aperfeiçoam um discurso que chama a atenção do público para as condições de vida do caboclo amazônico, para a preservação do meio ambiente, para a luta da sobrevivência das etnias indígenas e para a defesa das culturas nativas.

O folk metal não faz diferente. Há, tanto nas letras como em outros elementos, odes ao modo de vida dos povos que habitavam aqueles países, principalmente antes das invasões romanas, como mostram Chepp et al.(2015), ao abordar uma de suas vertentes, o viking metal, típico de bandas dos países escandinavos.

A fascinação pelo folclore e tradições nórdicas, bem como pelas religiões pré-cristãs são temas recorrentes no Heavy Metal, e especialmente em canções de Viking Metal, mas outro aspecto muito importante em termos de letras é o retrato da natureza do Norte, cantado pelas bandas a fim de recriar uma atmosfera de “natureza selvagem”. Os antigos povos escandinavos tinham uma forte ligação com a natureza, o que acaba sendo tragado pelo Viking Metal.

Esse, a princípio, parece ser um retorno ao modo como as civilizações pré-industriais viam a terra, não como mera fonte de recursos para as atividades humanas, mas um todo do qual fazemos parte. Essa é uma necessidade para a atual geração, caso queira adotar um modo de vida que preserve sua existência. Sobre isso, fala Capra (2006), ao explicar sobre como a ecologia profunda vê todo ser vivo.

A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

Entretanto, não se pode ter a perspectiva ingênua de um retorno completo ao modo de pensar ou de viver ancestral. Vê-se, na verdade, a valorização dos elementos de culturas autóctones, mas sob uma visão constituída pela sociedade industrial. Rodrigues (2012) aborda essa relação.

Percebe-se que tais manifestações vêm sofrendo metamorfoses em relação ao que eram nos seus primórdios, uma vez que agregaram novos elementos tecnológicos, imagéticos, sócio-culturais etc. Nesse sentido, estamos diante de acontecimentos que poderiam ser enquadrados como indicadores de um movimento maior de espetacularização midiática das festividades típicas da cultura popular brasileira. Nota-se que neles, aspectos tradicionais vêm mesclando-se com outros de natureza tecnocientífica de última geração.

Necessita-se, portanto, ter em mente que os indivíduos dessas redes estão imersos em seus ambientes socioculturais e que essas redes estão imersas em uma complexa e nova sociedade planetária, como alerta Capra (2006)

Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece.

Considerações

O homem, como ser gregário, tem essa necessidade de se juntar a outros para satisfação de suas necessidades, formando grupos que vão, de alguma forma, atender a seus interesses.

Na formação da sociedade, e com a divisão do trabalho e a complexificação da cultura, surgem variados grupos, dos quais um só indivíduo pode fazer parte, definindo para si variados papéis, de acordo com os costumes dos grupos dos quais participa.

Esses grupos, ao se formarem em torno de um gosto específico, como o musical, formam, dentro de uma circunscrição geográfica (a cidade ou o bairro, por exemplo), tribos urbanas, cujos indivíduos possuem traços comuns, como modo de falar, vestimenta, gosto musical, entre outras características definidas como pressupostos para a aceitação do membro pelo grupo.

HABERMAS (1993) define que o linha mestra que faz a amarração da sociedade, o fio condutor da formação de um grupo social não é, como preconizava Marx, o trabalho, mas a comunicação.

Nesses microcosmos do cosmo social, a comunicação também é a linha condutora da formação e manutenção do grupo. Roupas, modo de falar, música, entre outras características dessas tribos urbanas, tem, entre outras funções, a de comunicar. É através desses veículos que os membros continuamente se comunicam e definem a aceitação de cada indivíduo no grupo, sua manutenção e a relação entre os membros.

Com o advento das mídias sociais e a possibilidade de interação entre indivíduos que residem a milhares de quilômetros de distância entre si, define-se outras formas de tribos urbanas, que não necessitam da proximidade geográfica para se organizarem como tal, porque detêm as ferramentas necessárias ao fornecimento do principal elemento de ligação de todo grupo social: a comunicação. Esse elemento, junto com os demais, fornece ao grupo uma série de vias que vão constituir um ecossistema comunicativo.

Contudo não podemos esquecer que cada indivíduo está imerso em um ecossistema próprio, definido pelos grupos sociais nos quais está imerso em seu dia-a-dia e pela cultura que compõe sua vida mental.

O quanto e de que formas exatamente esses elementos tangenciam o ecossistema comunicacional formado nessas redes aqui descritas são escopo de uma pesquisa que não foi abordada aqui, por não ter sido realizada no processo de composição deste trabalho.

Não há como ignorar essa lacuna e não deixar claro que este recorte epistemológico (como todos os outros) constitui uma fragmentação da realidade, de forma que uma apreensão mais profunda deste objeto de pesquisa necessita cobrir estes pontos que aqui foram tão somente enumerados.

Em adição ao já exposto, a visão dessa perspectiva do homem como parte integrante e indissociável da terra, defendida pelas produções artísticas em torno das quais se unem esses grupos possuem real influência sobre o modo de pensar de seus membros deve ser objeto de um estudo aprofundado, pois não só é ponto importante o uso destes meios para a conscientização da necessidade de um novo modo de vida, mas os meios de comunicação utilizados têm demonstrado seu potencial para multiplicação de informações e fomentador de engajamento.

Bibliografia

CAPRA, Fridjof, **A teia da vida**. São Paulo: Ed.Cultrix, 2006.

CHEPP, Bruno, MASI, Guilherme, PEREIRA, Nilton, **O potencial pedagógico da Idade Média Imaginada**, em Revista do Lhiste, n.3 vol.2, Porto Alegre: UFRGS, 2015

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Um jeito amazônica de ser mundo** – a Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região.Tese (doutorado). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.

DAMASCENO, Meire D. M. **Redes Sociais Digitais: o Ecossistema Comunicacional do Facebook e suas Possibilidades** em XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação, Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em:
<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1660-1.pdf>>

FERRER, Antonio. **La Cancion Folk Norteamericana**. Granada: Ed. Universidad de Granada, 2013. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/241686075_La_cancion_folk_en_Norteamerica_y_el_fenomeno_social_de_la_contracultura>

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1993.

LUHMANN, NIKLAS, **The Autopoiesis of Social Systems**. Nova York: Columbia University Press, em CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, apud OLIVEIRA, Maria, CAMILO, Adriana, ASSUNÇÃO, Cristina, **Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças**, in Temas psicol. vol.11 no.1 Ribeirão Preto, 2003

MONTEIRO, Gilson. **A metalinguagem das roupas**. Artigo publicado na Biblioteca online de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em:
http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=32. Acesso em: 30 de jan. 2017.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Jurupari e seus princípios – ciclos e lendas e mitos juruparienses**. Manaus: Edua, 2004.

PEREIRA, Mirna F. **Ecossistemas comunicacionais: uma proposição conceitual**, em Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Belém: FADESP, 2011.

RODRIGUES, Rosa e SENA, Manuel J. **A comunicação radiofônica e a educação popular em um ambiente amazônico** in in Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação. Manaus: EDUA, 2012.

SOUZA, Sérgio A.F. **As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de Minerva**, in Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação. Manaus: EDUA, 2012.

TOURINHO, Ieda. **Aproximações entre espaço público urbano e ciberespaço: algumas considerações preliminares**. São Cristóvão: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010

ZAN, José Roberto. **Música popular brasileira, indústria cultural e identidade** in EccoS Revista Científica, vol. 3, núm. 1. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2001.